

# PESQUISA DE GEOGRAFIA ECONÔMICA EM PEQUENAS CIDADES

## Uma perspectiva metodológica

*ECONOMIC GEOGRAPHIC RESEARCH IN  
SMALL TOWNS  
A methodological perspective*

*Bruno Saggiorato<sup>1</sup>*

### Resumo

Tomando como pressuposto geral a complexa formação social brasileira, o país apresenta uma heterogeneidade geográfica nada pequena. Desta forma, é necessário entender como os *processos gerais* se articulam, concreta e espacialmente, com *Formações Sócio-Espaciais (FSEs) regionais*, e, a partir disso, identificar que atributos essa combinação gera, quais fenômenos novos emanam dessa relação, desencadeando diferenciações geoeconômicas entre regiões/municípios. Destarte, com base no setor industrial do pequeno município de Ampére-PR, o objetivo do artigo é sistematizar aportes teóricos e elementos fundamentais à compreensão de uma cidade considerada pequena. Recorre-se à pesquisa bibliográfica, como os estudos de Fresca (2001; 2009; 2010) e Santos (1977; 1979; 1993; 2004). Do ponto de vista teórico, argumenta-se que a união da categoria de FSE (SANTOS, 1977) com a de Combinações Geográficas (CHOLLEY, 1964), forma um aporte com grande potencial para alcançar a essência de um determinado fenômeno pesquisado.

Palavras-chave: metodologia de pesquisa, pequenas cidades, Geografia Econômica.

### Abstract

*Taking as general assumption the complex Brazil social formation, the country presents a no small geographic heterogeneity. This way is necessary understand as the general process are articulation, concrete and spatially, with Socio-Spatial Formation (FSEs) regional, and from that, identify what attributes this combination result, which news phenomena emanate this relation, trigger differentiations geoeconomics between regions/town. This way, with base in Ampére-PR a small town's industrial sector, the article objective is systematize theoretical contributions and fundamental elements to the comprehension of a small town. Appeal to the bibliographic research, as the studies of Fresca (2001; 2009; 2010) and Santos (1977; 1979; 1993; 2004). From a theoretical point of view, it is argued that the category union of FSE (SANTOS, 1977) that the Geographic Combinations (CHOLLEY, 1964), form an input with great potential to achieve essence of a phenomenon searched.*

*Keywords: research methodology, small towns, Economic Geographic.*

<sup>1</sup> Graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2018) campus de Francisco Beltrão – PR. Atualmente é mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da mesma instituição na linha de pesquisa Desenvolvimento Econômico e Dinâmicas Territoriais. Pesquisa temas relacionados a Geografia Econômica, como Estado e desenvolvimento econômico e industrialização em pequenas cidades. Membro do Grupo de Pesquisa "Formação Sócio Espacial: Progresso Técnico e Desenvolvimento Econômico", da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

### Introdução

Localizado na mesorregião Sudoeste Paranaense, o município de Ampére se destaca por seu setor manufatureiro, e, atinge realce estadual em dois setores da indústria de transformação (confeções do vestuário e produção de móveis).

Para compreender sua dinâmica industrial e responder as questões colocadas pela mesma, foi necessário lançar mão de uma categoria compatível com tal demanda: entender uma realidade concreta nas suas múltiplas determinações. Assim, fez-se uso da categoria de Formação Sócio-Espacial (FSE), um aporte teórico elaborado por Milton Santos (1977).

Para realizar uma pesquisa de Geografia Econômica, é imprescindível abordar o fenômeno tratando de História, Economia e Geografia. Quando se conferia maior ênfase para a economia, por exemplo, História e a Geografia não podiam ser abandonadas, quando a atenção se voltava para a Geografia, da mesma forma, era fundamental analisar com História e Economia e o mesmo era válido no momento em que a História fosse central (MAMIGONIAN, 2005).

Partindo desses pressupostos gerais, a indústria em Ampére foi o objeto de investigação científica. Unindo a análise da realidade a partir de dados, bibliografias, imagens, mapas e gráficos, foi possível perceber que o caminho de pesquisa escolhido foi fundamental para se chegar aos resultados, o qual será destacado no presente artigo.

Nesse contexto, a questão que se coloca é: que pressupostos teórico-metodológicos podem auxiliar as pesquisas em pequenos municípios? Assim, o objetivo do artigo é sistematizar aportes teóricos e elementos que fundamentais à compreensão de uma cidade pequena, o que pode ser útil para novos estudos de Geografia Econômica desses níveis hierárquicos. Não reside aqui nenhuma descoberta, apenas sistematização de um procedimento. Para isso, foi escolhida a pesquisa bibliográfica, como por exemplo estudos de Fresca (2001; 2009; 2010) e Santos (1977; 1979; 1993; 2004).

O texto está dividido em dois momentos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro tratar-se-á de alguns pressupostos teóricos que dizem respeito às pequenas cidades. Posteriormente será indicado os elementos metodológicos que fizeram parte da pesquisa sobre o município de Ampére.

### As pequenas cidades: pressupostos teóricos à compreensão desse nível hierárquico

Fresca (2010) esclarece a diferença conceitual entre centro local e pequena cidade, a primeira pode ser definida como aquela de menor complexidade e que responde apenas as necessidades mínimas de sobrevivência de sua população, ou nos termos de Santos (1979, p. 71), é "[...] a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população [...]". A segunda apresenta níveis de complexidade maiores que o centro local, dispondo de atividades urbanas que extrapolam o mínimo.

Num tempo histórico não muito distante<sup>2</sup>, os estudos sobre urbanização brasileira geralmente enfatizavam as porções metropolitanas do espaço e os grandes centros

<sup>2</sup> No final dos anos 1970, Santos (1979) já destacava que em países subdesenvolvidos, boa parte dos estudos urbanos se dedicavam sobretudo às cidades grandes.

urbanos. Nesse sentido, “No caso do estudo das pequenas cidades, apenas nos últimos anos podemos considerar que se torna um tema mais frequente nas pautas acadêmicas e um relativo avanço teórico na compreensão destes espaços” (ENDLICH, 2011, p. 149).

Recentemente, no início dos anos 1990, os estudos das pequenas cidades<sup>3</sup> foram retomados por diversas ciências, que passaram a estudar a relevância e o seu significado econômico, cultural e social no quadro da urbanização brasileira (FRESCA, 2010).

Esta retomada nos estudos sobre cidades pequenas tem a ver com as intensas modificações na organização socioespacial brasileira que provocaram transformações em redes urbanas; que permitiram realização de novos papéis nestas cidades; que possibilitaram às mesmas tornarem-se lócus privilegiado da realização de uma parcela da produção propriamente dita; que permitiram a inserção das mesmas em interações espaciais de grande alcance; enfim a redescoberta destas cidades como uma particularidade da urbanização brasileira (FRESCA, 2010, p. 75).

Deste modo, em estudos das porções urbanas não metropolitanas no Brasil, surge uma questão aos pesquisadores interessados no tema: quais os critérios mais adequados para caracterizar uma cidade como sendo pequena?<sup>4</sup> Daí a importância de estudar a dinâmica produtiva das realidades brasileiras, o que contribui para responder essa indagação.

Um dos critérios ainda mais utilizados para delimitar o recorte das pequenas cidades tem sido os dados populacionais. O IBGE (2008) ao analisar a rede urbana nacional estabelece a existência de 4473 centros locais, onde a centralidade é exercida predominantemente em seus limites municipais e caracterizados por terem população inferior a 10 mil habitantes. Mas qual seria o patamar populacional a partir do qual falar-se-ia das pequenas cidades? 20 mil? 50 mil habitantes? Utilizando-se este caminho para caracterizar uma cidade como sendo pequena, incorre-se no risco de igualar cidades que na sua essência são diferentes. Em outras palavras, o número de habitantes como variável utilizada resultará em considerar cidades com populações similares como sendo pequenas, mas não levará em conta as especificidades de cada uma delas. Não permitirá que se entenda as diferentes inserções de cada núcleo urbano nas redes ou região, impedindo que se entenda seus papéis, suas áreas de influência, suas integrações internas e externas às redes, dentre

3 Para um panorama histórico dos primeiros até os mais recentes estudos sobre pequenas cidades, ver Beltrão (2016) e Jurado da Silva (2011), trabalho em que podemos encontrar, inclusive, um apanhado das contribuições internacionais para a temática.

4 Existe um nível mínimo para considerar uma cidade como tal, qual seja, “[...] quando há coalescência de funções em uma aglomeração. Esta expressão significa que as funções chegam a depender uma das outras, tornando-se assim independentes da atividade primária que deu origem à aglomeração” (SANTOS, 1979, p. 70). Nesse sentido, a partir desse nível mínimo de atividades definido por Milton Santos, Fresca (2010, p. 77) argumenta que “[...] há uma diversidade significativa de cidades, cuja complexidade de atividades urbanas extrapola o denominado nível mínimo. Mas isto não gera elementos necessários para que as mesmas possam ser consideradas cidades intermediárias ou metrópoles, significando que mesmo tendo certa complexidade de atividades urbanas acima do nível mínimo, continuam sendo pequenas. E aqui reside razão para o uso da expressão pequena cidade para aquelas cidades que não são centros locais”.

outros aspectos fundamentais para a consideração de uma cidade como sendo pequena (FRESCA, 2010, p. 76).

Ainda nesse raciocínio, Santos (1979, p. 69) já alertava para o fato de que “caracterizar diferentes tipos de cidades no mundo inteiro” a partir do volume populacional, “é incorrer no perigo de uma generalização perigosa”. Portanto, caracterizar os municípios das FSEs regionais<sup>5</sup> do Brasil por essa lógica, configura igualmente uma generalização que pouco explica de fato o que são essas cidades no contexto da economia nacional.

Depois de definir, com base em bibliografia sobre o tema, o que pode ser considerado uma pequena cidade e apontar alguns elementos referente as mesmas, adiante será dissertado sobre o caminho teórico-metodológico escolhido para pesquisar o setor industrial de um pequeno município, mas tal procedimento pode ser ampliado para uma pesquisa de Geografia Econômica em geral, que englobe outros setores produtivos, como a agricultura, o comércio ou algum segmento específico da indústria de transformação.

Considerando a formação social brasileira<sup>6</sup> nas suas múltiplas determinações, o país apresenta uma heterogeneidade geográfica nada pequena. Desta forma, é necessário apreender como os *processos gerais* se articulam, concreta e espacialmente, com *FSEs regionais*, e, a partir disso, identificar que atributos essa combinação gera, ou seja, quais fenômenos novos emanam dessa relação, suscitando diferenciações geoeconômicas entre regiões/municípios.

Primeiramente, antes de explorar melhor os procedimentos metodológicos, é importante tratar das bases teóricas que sustentam o esquema da figura 1, isto é, o método de investigação propriamente dito, ou em outras palavras, a perspectiva científica que orienta a pesquisa de Geografia Econômica em pequenas cidades.

Para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação. Ou, em outras palavras, determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento. Pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento (GIL, 2008, p. 8).

Além disso, pesquisa pode ser definida

[...] como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. A partir dessa conceituação, pode-se, portanto, definir pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social (GIL, 2008, p. 26).

Na Geografia Humana, o paradigma da Formação Sócio-Espacial (FSE), apoiado na teoria Marxista e desenvolvido por Milton Santos (1977), constitui uma poderosa categoria de análise diante da tarefa em decifrar uma realidade nas suas múltiplas

5 Válido destacar que Mamigonian (1965; 2005) foi quem pioneiramente explorou a possibilidade de FSEs regionais no Brasil. Cabe ainda dizer que não há como haver uma FSE municipal, o recorte é regional.

6 Nos termos elaborados por Rangel (2005).

determinações.

De acordo com Sereni (2013, p. 315), a categoria marxista formação econômico-social expressa a “unidade (e, agregaremos, a totalidade) das diferentes esferas: econômica, social, política e cultural da vida de uma sociedade; e a expressa, além disso, na continuidade e ao mesmo tempo na descontinuidade de seu desenvolvimento histórico”. Milton Santos a partir desse conceito, o qual segundo este autor é o mais apropriado para contribuir na formação de uma teoria do espaço, elaborou a categoria de Formação Sócio-Espacial, pois, “a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social” (SANTOS, 1977, p. 1).

Milton Santos notou que o conceito de Formação Social e Geografia Humana não compactuavam integralmente, não por divergências da teoria marxista e essa ciência, as quais se aproximam, mas faltava-lhe um elemento primordial, a necessidade de localização da Geografia, daí a sua proposta da categoria de FSE (MAMIGONIAN, 2005).

A categoria de FSE diz respeito ao estudo da vida concreta de uma sociedade ou de um fenômeno em seu tempo histórico e na sua dimensão espacial, ou seja, compreende a gênese e evolução, bem como as relações dos elementos que designam essa realidade concreta, que é particular, mas somente é apreendida no bojo da totalidade<sup>7</sup>.

Portanto, as pequenas cidades

[...] manifestam a universalidade do movimento real, porque o singular, o único, só pode ser compreendido em relação ao geral e por causa dele, por intermédio do particular enquanto um membro intermediário real das determinações do geral, que se especifica em momentos particulares incorporando novas singularidades (FRESCA, 2001, p. 29).

Além da categoria de FSE, as Combinações Geográficas teorizadas por André Cholley são igualmente fundamentais à compreensão dos pequenos municípios. Segundo o autor,

As combinações podem ser divididas em três grandes categorias: as que resultam, unicamente, da convergência de fatores físicos; aquelas, já mais complexas, que são, a um tempo, de ordem física e de ordem biológica; as mais complicadas e por isso mesmo, mais interessantes, que resultam da interferência conjunta dos elementos físicos, dos elementos, dos elementos biológicos e dos elementos humanos (CHOLLEY, 1964, p. 140-141).

Os corpos teóricos de FSE e Combinações Geográficas, aliados, formam um horizonte poderoso a serviço da compreensão da realidade. O argumento é de que a união desses dois fundamentos teóricos seja capaz de entregar pesquisas que atinjam a essência dos fenômenos nos pequenos municípios.

<sup>7</sup> “O exercício de apreensão da totalidade é um trabalho fundamental e básico para a compreensão do lugar real e epistemológico que, dentro dela, têm as suas diferentes partes ou aspectos. Todavia, o conhecimento das partes, isso é, do seu funcionamento, de sua estrutura interna, das suas leis, da sua relativa autonomia, a partir disso, de sua própria evolução, constituem um instrumento fundamental para a o conhecimento da totalidade” (SANTOS, 2004, p. 141). Santos (1977, p. 6) afirma que “o dado global, que é o conjunto de relações que caracterizam uma dada sociedade, tem um significado particular para cada lugar, mas este significado não pode ser apreendido senão ao nível da totalidade”.

## Uma perspectiva metodológica: Geografia econômica em pequenas cidades

Essa perspectiva está alicerçada nos estudos sobre a industrialização de Ampére-PR, considerado um pequeno município devido a dinâmica do seu setor produtivo. Depois de realizar boa parte da pesquisa, um caminho metodológico foi percebido. No presente item mostrar-se-á os elementos desse percurso, que está teoricamente subsidiado pelas formulações expostas na primeira sessão desse artigo.

De acordo com Fresca (2010), a produção industrial nas pequenas cidades tem recebido pouca atenção nos estudos da Geografia, ainda concentrada em áreas metropolitanas. Porém, a mesma autora (2001, p. 28) esclarece que “[...] as abordagens do nível metropolitano continuam sendo necessárias, mas a outra face também”. Assim, “É preciso entender como a produção industrial pode ser elemento para a compreensão da reinserção dos núcleos na rede urbana e como estas ocorrem” (FRESCA, 2009, p. 9).

Conforme já destacado na introdução, na pesquisa em Geografia Econômica é fundamental investigar a realidade combinando ciências abrangentes. Trata-se, como escreveu Casaril (2014, p. 34), de realizar “[...] nossas análises de forma a unir a história, a geografia e a economia na interpretação de uma dada realidade”. Tal confluência resultará, em síntese, na Geografia Econômica de um dado fenômeno.

Segue o esquema síntese dos pressupostos resultantes da pesquisa, e, na sequência, a explicação mais detalhada.

Considerando a figura 1, apenas para a exposição será dividida em três dimensões: i) Histórica; ii) Econômica; e iii) Geográfica. Aponta-se considerações referentes a cada item separadamente, mas na verdade estão interligados, pois é assim que a realidade

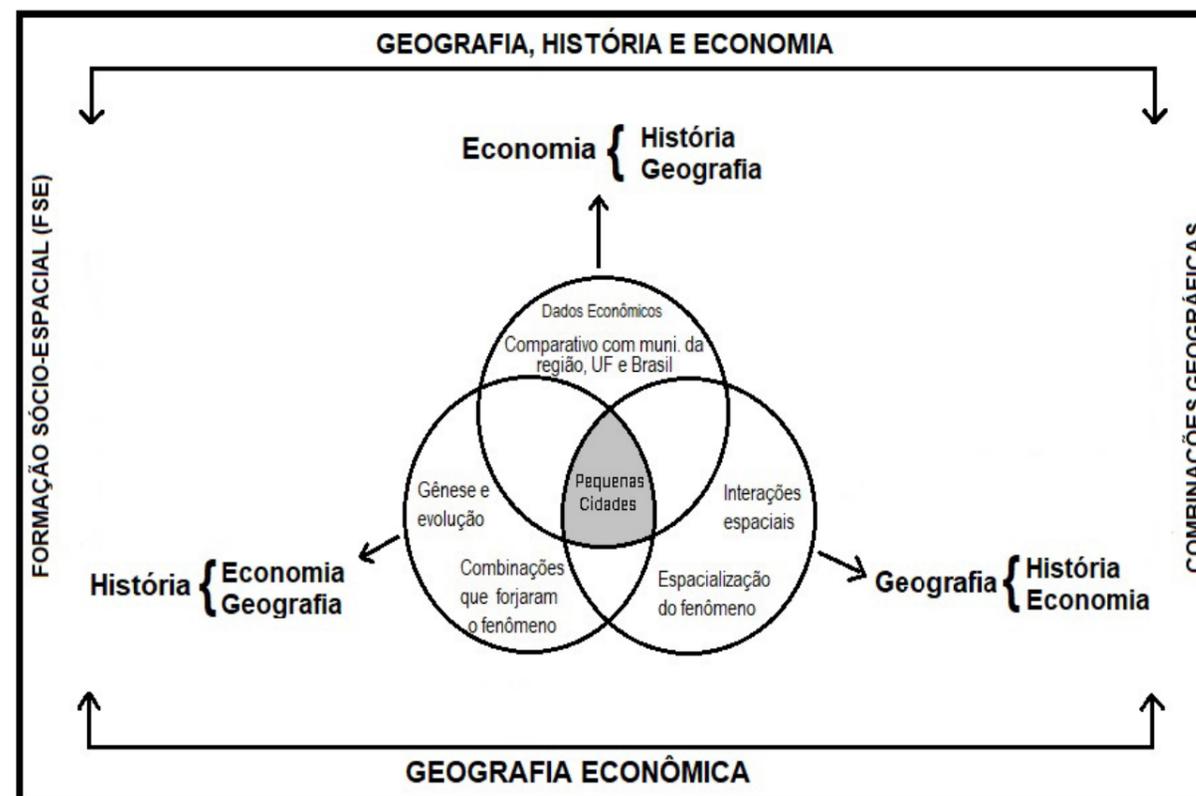


Figura 1 - Esquema síntese da metodologia. Fonte: SAGGIORATO, 2021.

se apresenta<sup>8</sup>, combinando essas dimensões, não as compartimentalizando.

Tomando primeiramente a *Dimensão Histórica* do esquema, significa basicamente verificar a gênese e evolução de um dado fenômeno. Cabe buscar que combinações geográficas forjaram o seu aparecimento, que fatores de ordem biológica, física e humanas conjuntamente resultaram num determinado fenômeno. Voltar-se para a história, neste momento, é imprescindível, sem a qual não se consegue decifrar o DNA da realidade que pretende desvelar.

Porém, não se trata apenas de contar uma história, de forma cronológica, algo como uma linha do tempo linear, mas sim de uma pesquisa histórica que considere aspectos geográficos e econômicos, para assim apreender da realidade uma maior riqueza de detalhes.

Por exemplo, a FSE do Sudoeste Paranaense, mesorregião onde se localiza Ampére, se desenvolveu baseada na pequena produção mercantil, isto é, na presença de pequenos agricultores, artesãos, pequenos comerciantes e inclusive pequenos industriais, principalmente ligados a exploração da madeira, fundamental no surgimento dos primeiros núcleos urbanos e empreendimentos industriais (FLORES, 2009; CASARIL, 2014; CORRÊA, 1970). Essas combinações geográficas em grande medida explicam a gênese e evolução da industrialização no referido município.

Referente à *Dimensão Econômica*, trata-se de entender a evolução e a atualidade do fenômeno analisando o máximo de determinações econômicas possíveis. Se assim for desejável, cabe primeiro identificar os setores produtivos mais importantes na dinâmica do(s) município(s), estabelecendo um recorte de pesquisa, neste caso, o setor industrial é usado como exemplo.

Assim, se faz necessário buscar a maior variedade disponível de dados<sup>9</sup> industriais e econômicos (empregos, estabelecimentos, Produto interno bruto, Valor adicionado fiscal, tamanho dos estabelecimentos) para a análise. Geralmente o município apresentará segmentos da indústria no qual mais se destaca, sendo interessante dar atenção especial da análise para esses setores. Para as variáveis de dados, usa-se, então, gráficos de evolução, cálculos de crescimento, tabelas, etc., para visualizar as transformações que o fenômeno expressa, e a partir disso aliar os dados aos fatores explicativos do comportamento dessas variáveis em diferentes períodos, pois, é insuficiente apenas descrever o desempenho industrial, por exemplo, e não oferecer as determinantes do processo. Por conseguinte, comparece aqui a pesquisa explicativa como norte do estudo.

São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente (GIL, 2008, p. 28).

8 Marx (2008, p. 258) afirma que “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, a unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese”

9 Que podem proceder tanto de repositórios, órgãos, institutos etc. públicos ou privados disponíveis para consulta eletrônica ou ainda colhidos em trabalhos de campo, que são imprescindíveis na realização desse tipo de pesquisa, pois permite conhecer aspectos da realidade que os dados não são capazes de elucidar.

Além de buscar explicações para os fenômenos, não menos importante é buscar compreender o tamanho do fenômeno, isto é, a sua dimensão e importância na economia municipal e no contexto para além dos seus limites, por exemplo, qual a relevância do setor manufatureiro de um determinado município na sua mesorregião? E na sua unidade federativa? Deste modo, para responder essas questões emerge o procedimento de pesquisa comparativo<sup>10</sup>.

As comparações entre municípios do mesmo porte, de diferentes portes, da mesma FSE regional ou não, deverá ser realizada com o máximo de riqueza de detalhes e de dados possíveis. Se, por exemplo, o estudo analisar a industrialização de um pequeno município, comparar-se-á os dados industriais disponíveis com outras porções espaciais, para assim, ter noção da dimensão da indústria na região, no estado e no país.

Contudo, para melhor compreender o tema, é valioso conhecer o(s) setor(es) mais importante (s) para a economia local, e em seguida comparar setorialmente com outros municípios de diferentes portes — em que pese dificuldades de dados — para assim, verificar a relevância deste município na produção específica de alguma mercadoria.

Para efeitos de exemplificação, segue que: com a formação e desenvolvimento do setor industrial em Ampére, o município ganhou destaque na produção de móveis e de confecções do vestuário. No Sudoeste Paranaense, é o principal pólo desses setores, no estado do Paraná está entre os dez polos principais também de ambos os segmentos. E no Brasil, Ampére é o 61º maior empregador no setor confeccionista e o 41º no ramo moveleiro (BRASIL, 2018).

A partir da ampliação da divisão territorial do trabalho, isto é, do processo de refuncionalização, Ampére adquiriu especializações produtivas na fabricação de móveis de madeira, na confecção de roupas masculinas e na produção de pias e cubas em aço inox, principalmente.

Dentre os fatores responsáveis pela expansão e consolidação industrial no município, incluem i) iniciativas industriais privadas; ii) políticas municipais de incentivo à industrialização; iii) inovações e estratégias empresariais e iv) crescimento econômico nacional, aumento e distribuição da renda e políticas federais durante os anos 2000, entre outros.

Com isso, será possível compreender em que termos se dá a inserção do município na divisão territorial do trabalho. Permite ainda mostrar as cadeias produtivas com as quais o município estabelece relações mais frequentes e adensadas. Portanto, novas pesquisas precisam ser “[...] realizadas no sentido de comparar cidades com o mesmo nível hierárquico para ter-se mais clareza do papel desempenhado pelos núcleos urbanos, inseridos em distintas regiões brasileiras” (FRESCA, 2009, p. 3).

Com esse tipo de procedimento, provavelmente vai aparecer também o panorama geral de um setor da manufatura, pois quando dados industriais entre municípios são comparados, a própria dimensão espacial do que é esse setor no Brasil se manifestará, ainda que não seja uma visão aprofundada do segmento, mas uma visão genérica, como dito, é possível.

10 “O método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles. Sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo” (GIL, 2008, p. 16-17).

Por fim, a *Dimensão Geográfica*. Como a dissertação ainda está em andamento, não se fará no momento apontamentos de exemplos gerais, como anteriormente. As análises precedentes terão lançado a base na qual essa dimensão se edificará. Neste momento, portanto, a ciência Geográfica será central, mas sem deixar de lado aspectos históricos e econômicos.

A partir dos dados, trata-se então de mostrar geograficamente o fenômeno, ou seja, por meio de produtos cartográficos indicar a sua incidência e a localização no recorte territorial escolhido. É importante expressar também a evolução espacial do fenômeno ao longo do tempo, permitindo verificar a reorganização geográfica do mesmo. Além disso, é valoroso buscar as combinações que explicam tal localização, concentração ou ainda modificações de um determinado fenômeno.

Estudando as pequenas cidades no Noroeste Paranaense, Endlich (2011, p. 151) também percebeu que no interior de uma mesma FSE existem especificidades entre os municípios que a compõe, pois “[...] são inevitáveis as particularidades históricas e geográficas no âmbito municipal, ainda que se mantenham características gerais no contexto regional”. Por essa lógica, a presente dimensão ajudará a mostrar as especificidades de municípios localizados numa mesma FSE.

Neste momento cabe explorar a inserção do município na divisão territorial do trabalho<sup>11</sup> a partir de suas atividades econômicas e também mostrar a participação da pequena cidade em sua região, estado e país baseando-se nessas atividades. Esse é um caminho frutífero para clarificar as diferenciações entre as cidades, haja visto que “Quanto mais intensa a divisão do trabalho numa área, tanto mais cidades surgem e tanto mais diferentes são umas das outras” (SANTOS, 1993, p. 53). Em conjunto a isso, é interessante expor o alcance espacial ao qual o município é alçado com seu processo de desenvolvimento.

Interações essas que extrapolam os limites da sua rede urbana, alcançando diretamente outras porções geográficas. Essas relações serão mais diversificadas quanto mais ampla for a divisão territorial do trabalho, assim, podem ser de recursos financeiros, recursos tecnológicos, matérias-primas, bens de consumo, bens de capital, recursos humanos, entre outros, formando uma rede comercial do município com outras localidades, a qual é possível ser mapeada. As características mais detalhadas dessa rede, como tipo de produto, tipo de máquina etc., dependerá da atividade econômica analisada.

As pequenas cidades industrializadas — com capacidade de inserção externa por meio de exportações e importações de mercadorias — ampliam sua centralidade e deixam de apenas inserirem-se na rede urbana regional, passando a se conectar com outros países de forma mais direta. Porém, cabe salientar um ponto importante: essa constatação não pretende colaborar com a ideia de uma globalização que fez perder a importância dos estados nacionais, e que agora países se conectam com municípios sem a intermediação da nação. Ora, no globo todo são os estados nacionais que definem políticas de protecionismo, taxa de câmbio, taxas de importação e exportação,

<sup>11</sup> “Há uma lógica comum aos diversos subespaços. Essa lógica é dada pela divisão territorial do trabalho em escala nacional, que privilegia diferentemente cada fração do território a um dado momento de sua evolução. E dessa maneira que, em cada período, se entendem as particularidades e o movimento próprio de cada subespaço e as formas de sua articulação no todo. Esse enfoque se impõe, pois a cada momento histórico as heranças dos períodos passados também têm papel ativo na divisão territorial do trabalho atual. O movimento, no território, do geral e do particular, tem de ser entendido não apenas hoje, como ontem. E assim que se podem explicar não apenas esse dado estatístico que são as diferenças regionais dos índices de urbanização, mas também dados estruturais, como as diferenças regionais de forma e de conteúdo da urbanização” (SANTOS, 1993, p. 61).

entre outros. Uma firma de qualquer município no Brasil é antes uma firma brasileira. A reunião das três dimensões explanadas a pouco vai resultar num estudo de Geografia Econômica, o qual pretenderá, numa perspectiva totalizante, desvendar aquilo que é essencial na explicação da realidade, ou seja, a busca constante da verdade histórica, considerando a relação contraditória entre arcaico e moderno, procurando denunciar as desigualdades socioespaciais inerentes ao modo de produção dominante.

Para finalizar, nos estudos de Geografia Econômica que pretendem compreender as pequenas cidades na sua totalidade, é valioso mencionar a pertinência das determinações políticas, ou em outros termos, da economia política, isto é, conflito de classes sociais, pactos de poder, concentração de renda, destinação de recursos, entre outras. Componentes esses que envolvem e estão presentes, evidentemente, nas três dimensões (Histórica, Geográfica e Econômica).

Oportuno lembrar que essas determinações políticas não se reduzem aos acontecimentos apenas locais e ações empreendidas pelos agentes do município, mas sim dizem respeito ainda às demais esferas do Estado brasileiro, que destinam recursos, decidem os rumos das políticas econômicas, tomam medidas institucionais, elaboram e executam programas de renda, emprego, financiamento, e assim por diante, os quais afetam diretamente os municípios e seus habitantes.

Atualmente, no contexto da mais grave crise econômica e sanitária da história brasileira, os exemplos disso que foi supracitado seriam dos mais diversos, tanto relacionados ao comportamento desastroso do governo federal frente à pandemia do Covid-19 e a atuação de congressistas e governadores com variadas posturas, quanto medidas anteriores, como a reforma trabalhista, da previdência, o teto de gastos, entre outros que impactam, inegavelmente, a dinâmica dos pequenos municípios e conseqüentemente a vida dos seus habitantes.

### Considerações finais

O texto definiu elementos imprescindíveis para chegar o mais próximo possível da realidade tal como ela é, na sua essência, naqueles que são os fatores explicativos de fato do concreto. Buscou-se, fundamentalmente, entender não apenas a pequena cidade por si só, nos seus limites territoriais, mas o seu papel e sua dimensão na divisão territorial do trabalho, as suas inserções e relações espaciais e as respostas que são dadas a processos gerais.

Do ponto de vista teórico, a união da categoria de FSE (SANTOS, 1977) com a de Combinações Geográficas (CHOLLEY, 1964) forma um aporte com grande potencial, que conjugados com as dimensões colocadas na figura 1 e exploradas posteriormente, concedem elevado poder explicativo à dinâmica das pequenas cidades.

Nos estudos de Geografia Econômica em pequenas cidades, deve-se evitar isolá-la, como se fosse possível um devir autônomo. Tornar secundário a totalidade dos processos históricos, a economia política nacional, a luta de classes, os grandes blocos de capitais, a geopolítica, etc. quando estes últimos, em verdade, são fatores determinantes, configuraria em grande equívoco analítico.

Evidente que as características regionais não podem ser desprezadas completamente, mas é pertinente chamar atenção para o fato de que os agentes locais possuem grandes limitações (de ordem política, financeira, entre outras) na organização e desenvolvimento dessa porção do espaço, de tal sorte que as mudanças estruturais não emanam do local — apesar de se manifestarem no local —, mas sim de uma

totalidade que diz respeito ao capitalismo brasileiro nos marcos das suas leis históricas de desenvolvimento.

Sendo assim, a interação de elementos de âmbito local concomitantemente associados aos de ordem regional, nacional e global é uma condição *sine qua non* para revelar a essência da dinâmica municipal, posto que, “Toda realidade concreta é particular e em cada particularidade está presente todo o universo” (RANGEL, 1957, p. 25). Além disso, “Não existe verdade fora da totalidade e a totalidade só é perceptível na análise de processos históricos particulares” (JABBOUR, 2020, n.p.).

Os elementos metodológicos apresentados tiveram como base a pesquisa sobre o município de Ampére-PR, assim, os apontamentos foram no sentido de estudar especificamente a industrialização nesse nível hierárquico, porém, esse procedimento de investigação pode ser utilizado de maneira mais ampla, englobando outras atividades, como comércio, infraestrutura, agricultura, dados e indicadores sociais, entre outros que envolvam o campo da Geografia Econômica e as pequenas cidades brasileiras.

### Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos.

### Referências

BELTRÃO, Leila Maria Vasquez. *A indústria nos pequenos municípios do sul de Santa Catarina*. 2016. 259 f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. SC

BRASIL. Ministério da Economia, *Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)*. Brasília, 2018.

CASARIL, Carlos Cassemiro. *A Dinâmica da Rede Urbana de Francisco Beltrão – Paraná*. 2014. 454f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. SC

CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 1ª parte, *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro, n. 179, p. 139-145, 1964.

CORRÊA, Roberto Lobato. O sudoeste paranaense antes da colonização. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 32, n.1, p. 87-98, jan./mar. 1970.

ENDLICH, Angela Maria. O estudo das pequenas cidades e os desafios conceituais: áreas de comparabilidade e complexidade mínima. *Huellas*, Santa Rosa, Argentina, v. 15, p.149-165, 2011.

FLORES, Edson Luiz. *Industrialização e Desenvolvimento do Sudoeste do Paraná*. 2009. 226 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Francisco Beltrão. PR.

FRESCA, Tânia Maria. Em Defesa dos Estudos das Cidades Pequenas no Ensino de Geografia. *Geografia*, Londrina, v. 10, n. 1, p. 27-34, jan./jun. 2001.

FRESCA, Tânia Maria. Rede urbana, níveis de centralidade e produção industrial:

perspectivas para um debate. In: ENCUESTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA, 12, Montevideo, Uruguai, 2009.

FRESCA, Tânia Maria. Centros Locais e Pequenas cidades: diferenças necessárias. *Mercator*, Fortaleza, número especial, p. 75-81, dez, 2010.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008. 6ª ed.

JABBOUR, Elias. O Brasil não pode se dar ao luxo de descartar a China. *Continental*, ed. 236, agosto de 2020. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/236/ro-brasil-nao-pode-se-dar-ao-luxo-de-descartar-a-chinar>. Acesso em 30/11/2020.

JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. *Cidades pequenas e indústria: contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente-SP*. 2011. 285 f. Dissertação (Mestrado em geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente. SP.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, p. 389-481, Julho – Setembro, 1965.

MAMIGONIAN, Armen. *Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico*. 2005. 266 f. Tese (livre-docência) – Departamento de Geografia, FFLCH - USP, São Paulo.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 2ª ed.

RANGEL, Ignácio. *Dualidade Básica da Economia Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Ignácio Rangel, 1957. 2ª ed.

RANGEL, Ignácio. *Obras reunidas de Ignácio Rangel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 2º v.

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 54, junho, 1977.

SANTOS, Milton. As cidades locais no Terceiro Mundo: o caso da América Latina. In: SANTOS, Milton. *Espaço e Sociedade*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1979. Cap. 6. p. 69-76.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. São Paulo: USP, 2004. 6ª ed.

SERENI, Emilio. DE MARX A LÊNIN: a categoria de “formação econômico-social”. *Meridiano*, Buenos Aires, p. 297-346, nº 2, 2013.